

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DAMAT  
CURSO DE LICENCIATURA EM MATEMÁTICA**

EDUARDO FURLAN

**TÍTULO DO TRABALHO: SUBTÍTULO DO TRABALHO**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO  
2025

EDUARDO FURLAN

**TÍTULO DO TRABALHO: SUBTÍTULO DO TRABALHO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao **Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Tecnológica Federal do Paraná**, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado.

Orientador: Ivan Italo Gonzales Gargate  
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

PATO BRANCO  
2025

Altere este texto inserindo a dedicatória do seu trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Edite e coloque aqui os agradecimentos às pessoas e/ou instituições que contribuíram para a realização do trabalho.

É obrigatório o agradecimento às instituições de fomento à pesquisa que financiaram total ou parcialmente o trabalho, inclusive no que diz respeito à concessão de bolsas.

*Um barulho no quarto  
Um susto, um rato  
Da minha cama eu avisto  
Livros, teias, traças  
O canto negro de um pássaro*

*(Rogério Skylab, "O Corvo")*

## RESUMO

FURLAN, Eduardo. Título do Trabalho: Subtítulo do Trabalho. 2025. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso – **Curso de Licenciatura em Matemática, Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. Pato Branco, 2025.

O Resumo é um elemento obrigatório em tese, dissertação, monografia e TCC, constituído de uma seqüência de frases concisas e objetivas, fornecendo uma visão rápida e clara do conteúdo do estudo. O texto deverá conter no máximo 500 palavras e ser antecedido pela referência do estudo. Também, não deve conter citações. O resumo deve ser redigido em parágrafo único, espaçamento simples e seguido das palavras representativas do conteúdo do estudo, isto é, palavras-chave, em número de três a cinco, separadas entre si por ponto e finalizadas também por ponto. Usar o verbo na terceira pessoa do singular, com linguagem impersonal, bem como fazer uso, preferencialmente, da voz ativa. Texto contendo um único parágrafo.

**Palavras-chave:** Palavra. Segunda Palavra. Outra palavra.

## ABSTRACT

FURLAN, Eduardo. Title in English. 2025. 27 f. Trabalho de Conclusão de Curso – **Curso de Licenciatura em Matemática, Universidade Tecnológica Federal do Paraná**. Pato Branco, 2025.

Elemento obrigatório em tese, dissertação, monografia e TCC. É a versão do resumo em português para o idioma de divulgação internacional. Deve ser antecedido pela referência do estudo. Deve aparecer em folha distinta do resumo em língua portuguesa e seguido das palavras representativas do conteúdo do estudo, isto é, das palavras-chave. Sugere-se a elaboração do resumo (Abstract) e das palavras-chave (Keywords) em inglês; para resumos em outras línguas, que não o inglês, consultar o departamento / curso de origem.

**Keywords:** Word. Second Word. Another word.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Exemplo de Figura . . . . .	9
--	---

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Exemplo de Quadro. . . . . 10

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Resultado dos testes . . . . .	10
---	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT      Associação Brasileira de Normas Técnicas

DECOM      Departamento de Computação

## LISTA DE SÍMBOLOS

$\mathfrak{c}$	Cardinalidade do contínuo
$\mathcal{P}(x)$	Conjunto das partes de $x$
$\mathbb{Z}$	Conjunto dos números inteiros
$\mathbb{N}$	Conjunto dos números naturais
$\mathbb{Q}$	Conjunto dos números racionais
$\mathbb{R}$	Conjunto dos números reais
$\supseteq$	Contém
$\neq$	Diferente de
$\subseteq$	Está contido em
$\subsetneq$	Está contido em, mas não igual
$\Rightarrow$	Implica
$\cap$	Interseção
$\aleph$	Letra grega aleph
$>$	Maior que
$\geq$	Maior que ou igual
$<$	Menor que
$\leq$	Menor que ou igual
$\aleph_n$	$n$ -ésima cardinalidade
$\in$	Pertence
$\cup$	União

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b>	1
2	<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b>	2
2.1	<b>Fundamentos da Teoria dos Conjuntos</b>	2
2.1.1	Axiomas da Teoria dos Conjuntos	2
2.1.2	Conjunto dos Números Naturais	3
2.2	<b>O Conceito de Cardinalidade</b>	4
2.3	<b>A Descoberta dos Infinitos</b>	4
2.4	<b>A Hipótese do Contínuo</b>	4
3	<b>METODOLOGIA</b>	6
3.1	<b>DELINEAMENTO DA PESQUISA</b>	6
3.2	<b>COLETA E TRATAMENTO DE DADOS</b>	6
4	<b>ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b>	7
5	<b>SOBRE AS ILUSTRAÇÕES</b>	8
6	<b>FIGURAS</b>	9
7	<b>QUADROS E TABELAS</b>	10
8	<b>EQUAÇÕES</b>	11
9	<b>ALGORITMOS</b>	12
10	<b>SOBRE AS LISTAS</b>	13
11	<b>SOBRE AS CITAÇÕES E CHAMADAS DE REFERÊNCIAS</b>	14
12	<b>CITAÇÕES INDIRETAS</b>	15
13	<b>CITAÇÕES DIRETAS</b>	16
14	<b>DETALHES SOBRE AS CHAMADAS DE REFERÊNCIAS</b>	17
15	<b>SOBRE AS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	18
16	<b>NOTAS DE RODAPÉ</b>	19
17	<b>CONCLUSÃO</b>	20

17.1	<b>TRABALHOS FUTUROS</b>	20
17.2	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	20
	<b>REFERÊNCIAS</b>	21
	<b>APÊNDICES</b>	22
	<b>APÊNDICE A – NOME DO APÊNDICE</b>	23
	<b>APÊNDICE B – NOME DO OUTRO APÊNDICE</b>	24
	<b>ANEXOS</b>	25
	<b>ANEXO A – NOME DO ANEXO</b>	26
	<b>ANEXO B – NOME DO OUTRO ANEXO</b>	27

## 1 INTRODUÇÃO

Introduzida por Georg Cantor no século XIX como parte de sua Teoria dos Conjuntos, a Teoria da Cardinalidade representa um dos pilares essenciais da matemática moderna. Cantor propôs uma maneira revolucionária de medir e comparar o tamanho de conjuntos, incluindo os infinitos, o que o levou ao resultado contraintuitivo de que existem infinitos de diferentes tamanhos. Embora suas ideias tenham sido inicialmente recebidas com grande ceticismo e hostilidade por muitos matemáticos da época, hoje a Teoria dos Conjuntos, em particular, o conceito de cardinalidade, são fundamentais, fornecendo a linguagem e a estrutura que sustentam praticamente todas as áreas da matemática, por exemplo, na Análise Real, toda a construção rigorosa dos números reais e as próprias definições de limite e continuidade dependem de noções de conjuntos. A distinção entre conjuntos numeráveis e não numeráveis é crucial para entender a estrutura do contínuo. Da mesma forma, a Topologia, que estuda as propriedades dos espaços topológicos, é inteiramente fundamentada na linguagem dos conjuntos, a própria definição de um espaço topológico é baseada em uma coleção de subconjuntos (os "conjuntos abertos").

A escolha deste tema se justifica pelo interesse do autor nos fundamentos da matemática, especialmente nos conceitos relacionados ao infinito. A compreensão das diferentes formas de infinito e dos princípios de cardinalidade é essencial para uma formação matemática sólida e aprofundada. Além disso, o domínio deste conteúdo é um diferencial significativo para o acompanhamento de disciplinas teóricas em programas de mestrado e doutorado em matemática.

O objetivo geral deste trabalho é apresentar os fundamentos e as propriedades dos números cardinais na Teoria dos Conjuntos. Busca-se, com isso, auxiliar estudantes de matemática que planejam seguir carreira acadêmica, oferecendo uma sequência clara e organizada do conteúdo, com foco em Cardinalidade. Para alcançar este objetivo principal, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

1. Diferenciar conjuntos enumeráveis e não-enumeráveis, identificando suas características e propriedades fundamentais.
2. Demonstrar que a dimensão de um espaço não está relacionada ao tamanho (cardinalidade) dos conjuntos envolvidos.
3. Expor o conceito de números ordinais e seu papel na Teoria dos Conjuntos, distinguindo-os dos números cardinais.

Para atingir tais objetivos, o trabalho explorará os conceitos de Cardinalidade e Números Cardinais, a diferença entre Cardinalidade e Dimensão, e os Números Ordinais. A discussão se aprofundará em tópicos avançados e suas consequências, como o Axioma da Escolha, o Paradoxo de Banach-Tarski e os Números Transfinitos de Cantor.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, serão apresentados os conceitos fundamentais que servem de sustentação para este trabalho. Iniciaremos com uma breve revisão da Teoria dos Conjuntos como base da matemática. Em seguida, definiremos formalmente o conceito de cardinalidade através de funções bijetoras, diferenciando conjuntos finitos e infinitos. A seção central abordará a descoberta revolucionária de Georg Cantor sobre a existência de diferentes tamanhos de infinito, introduzindo os conceitos de conjuntos enumeráveis e não enumeráveis. Por fim, apresentaremos a hierarquia dos números cardinais e formularemos a Hipótese do Contínuo.

### 2.1 Fundamentos da Teoria dos Conjuntos

#### 2.1.1 Axiomas da Teoria dos Conjuntos

A base de toda a matemática moderna pode ser construída sobre o conceito de "conjunto" (que também chamaremos de "coleção", ou "família"). Halmos (2014) menciona os axiomas a seguir.

**Axioma 1** (Axioma da Extensão). *Dois conjuntos são iguais se, e somente se, ambos possuem os mesmos elementos.*

Se  $A$  e  $B$  são conjuntos e todo elemento de  $A$  está em  $B$  dizemos que  $A$  é um subconjunto de  $B$ ,  $A$  está contido em  $B$ , ou que  $B$  contém  $A$ , e escrevemos  $A \subseteq B$  e  $B \supseteq A$ , respectivamente. Disso temos que  $A = B \iff A \subseteq B$  e  $B \subseteq A$ . Quando temos  $A \subseteq B$  e  $A \neq B$  escrevemos  $A \subsetneq B$  e dizemos que  $A$  é um subconjunto próprio de  $B$ .

**Axioma 2** (Axioma da Especificação). *Para todo conjunto  $A$  e toda condição  $S(x)$ , existe um conjunto  $B$  em que seus elementos são todos os  $x \in A$  tal que a condição  $S(x)$  é verdadeira. Escrevemos  $B$  como*

$$B = \{x \in A : S(x)\}.$$

**Axioma 3** (Axioma do Par). *Para quaisquer dois conjuntos  $A$  e  $B$ , existe um conjunto  $C$  tal que  $A \in C$  e  $B \in C$ .*

**Definição 4** (Par Ordenado). O par ordenado de  $a$  e  $b$  onde a primeira coordenada é  $a$  e a segunda coordenada é  $b$  é o conjunto  $(a,b)$  definido por:

$$(a,b) = \{\{a\}, \{a,b\}\}.$$

**Definição 5** (Produto Cartesiano). O produto cartesiano de  $A$  e  $B$  é o conjunto  $A \times B$  onde

$$A \times B = \{x : x = (a,b) \text{ para algum } a \in A \text{ e para algum } b \in B\}.$$

**Axioma 6** (Axioma das Uniões). *Para qualquer coleção de conjuntos, existe um conjunto que contém todos os elementos que pertencem a pelo menos um conjunto da coleção dada.*

Seja  $C$  essa coleção de conjuntos, e  $U$  o conjunto referido no Axioma 6, chamamos  $U$  de união da coleção  $C$  de conjuntos e escrevemos como

$$\bigcup C, \quad \bigcup\{X : X \in C\} \quad \text{ou} \quad \bigcup_{X \in C} C.$$

**Definição 7** (Interseção). Se  $A$  e  $B$  são conjuntos a interseção de  $A$  e  $B$  é o conjunto  $A \cap B$  definido por  $A \cap B = \{x : x \in A \text{ e } x \in B\}$ .

De forma análoga à união, chamamos um conjunto  $V$  de interseção de  $C$  e escrevemos como

$$\bigcap C, \quad \bigcap\{X : X \in C\} \quad \text{ou} \quad \bigcap_{X \in C} C.$$

**Axioma 8** (Axioma da Potência). *Para todo conjunto existe uma coleção de conjuntos que contém (como elementos) todos os subconjuntos do conjunto dado.*

Em outras palavras, se  $A$  é um conjunto então existe um conjunto  $\mathcal{P}(A)$  tal que se  $X \subseteq A$  então  $X \in \mathcal{P}(A)$ . Note que o conjunto estipulado pode conter mais elementos que apenas os subconjuntos de  $A$ , para remediar isso, usamos o Axioma da Especificação e definimos  $\mathcal{P}(A)$  como  $\{X : X \subseteq A\}$ , e chamamos de "conjunto das partes de  $A$ ".

### 2.1.2 Conjunto dos Números Naturais

O ponto de partida para a construção dos números é o conjunto dos números naturais,  $\mathbb{N} = \{1, 2, 3, \dots\}$ , caracterizado pelos axiomas de Peano:

**Axioma 9** (Primeiro Axioma de Peano). *Existe uma função injetiva  $s : \mathbb{N} \rightarrow \mathbb{N}$ . Chamamos a imagem de  $s(n)$  de sucessor de  $n$ .*

**Axioma 10** (Segundo Axioma de Peano). *Existe um único número natural  $1 \in \mathbb{N}$  tal que  $1 \neq s(n)$  para qualquer  $n \in \mathbb{N}$ .*

**Axioma 11** (Terceiro Axioma de Peano). *Se em um conjunto  $X \subseteq \mathbb{N}$ ,  $1 \in X$  e  $s(X) \subseteq X^1$ , então  $X = \mathbb{N}$*

Esses axiomas estabelecem a existência de um primeiro elemento (que chamamos de 1), uma função "sucessor" injetiva, e o princípio da indução, que garante que qualquer número natural pode ser alcançado a partir do 1 por sucessivas aplicações da função sucessor.

---

<sup>1</sup> $n \in X \implies s(n) \in X$ .

## 2.2 O Conceito de Cardinalidade

A noção intuitiva de tamanho de um conjunto é formalizada matematicamente pelo conceito de cardinalidade. Lima (2006) define um conjunto  $X$  como finito quando  $X$  é vazio, ou existem um  $n \in \mathbb{N}$  e uma bijeção  $f : I_n \rightarrow X$  onde  $I_n = \{p \in \mathbb{N} : p \leq n\}$ . Já Halmos (2014) define um conjunto finito como um conjunto equivalente a um número<sup>2</sup> natural, onde equivalência significa uma bijeção. Uma propriedade fundamental dos conjuntos finitos é que não existe uma bijeção entre o conjunto e um de seus subconjuntos próprios.

Um conjunto é dito infinito quando não é finito. De forma equivalente, um conjunto é infinito se, e somente se, existe uma bijeção entre o conjunto e um de seus subconjuntos próprios.

Para qualquer conjunto  $X$  escrevemos a cardinalidade de  $X$  como  $|X|$ . Dados dois conjuntos  $X$  e  $Y$  dizemos que  $|X| \leq |Y|$  quando existe uma função injetiva de  $X$  em  $Y$ . Dizemos que  $|X| = |Y|$  quando existe uma bijeção entre  $X$  e  $Y$ .

## 2.3 A Descoberta dos Infinitos

A aplicação do critério de bijeção a conjuntos infinitos levou à descoberta de que nem todos os infinitos são do mesmo tamanho.

Um conjunto é dito enumerável se for finito ou se existir uma bijeção com o conjunto dos números naturais. A cardinalidade dos conjuntos enumeráveis infinitos é o menor número cardinal infinito, denotamos por  $\aleph_0$ . De forma surpreendente, conjuntos que parecem maiores que  $\mathbb{N}$ , como o conjunto dos inteiros ( $\mathbb{Z}$ ) e o dos racionais ( $\mathbb{Q}$ ), também são enumeráveis.

Cantor provou que o conjunto dos números reais  $\mathbb{R}$  não é enumerável. A prova clássica utiliza o método da diagonalização (Bertato, 2023), que constrói um número real que não pode estar em nenhuma lista pré-definida de reais, mostrando assim que nenhuma enumeração de  $\mathbb{R}$  pode ser completa. A cardinalidade dos números reais é chamada de "cardinalidade do contínuo" e denotada por  $\mathfrak{c}$ .

## 2.4 A Hipótese do Contínuo

O fato de existirem infinitos de tamanhos diferentes ( $\aleph_0 < \mathfrak{c}$ ) levanta a questão de como esses infinitos se organizam. O Teorema de Cantor estabelece que, para qualquer conjunto  $X$ , sua cardinalidade é estritamente menor que a cardinalidade de seu conjunto das partes  $\mathcal{P}(x)$  (Aigner; Ziegler, 2018). Isso garante a existência de uma hierarquia infinita de infinitos, pois sempre podemos formar um conjunto maior tomando o conjunto das partes.

Com a existência de dois infinitos distintos,  $\aleph_0$  e  $\mathfrak{c}$ , surge uma nova pergunta: existe algum conjunto cuja cardinalidade esteja estritamente entre a dos naturais e a dos reais? Ou seja, existe  $S$  tal que  $\aleph_0 < |S| < \mathfrak{c}$ ?

---

<sup>2</sup>Na Teoria de Conjuntos números são conjuntos.

A Hipótese do Contínuo é a conjectura de que a resposta é não. Ela postula que  $\mathfrak{c}$  é o próximo cardinal infinito depois de  $\aleph_0$ , que é denotado por  $\aleph_1$ . Essa conjectura pode ser escrita como  $\aleph_1 = \mathfrak{c}$ .

### 3 METODOLOGIA

Cada capítulo deve conter uma pequena introdução (tipicamente, um ou dois parágrafos) que deve deixar claro o objetivo e o que será discutido no capítulo, bem como a organização do capítulo.

#### 3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Inserir seu texto aqui...

#### 3.2 COLETA E TRATAMENTO DE DADOS

Inserir seu texto aqui...

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Cada capítulo deve conter uma pequena introdução (tipicamente, um ou dois parágrafos) que deve deixar claro o objetivo e o que será discutido no capítulo, bem como a organização do capítulo.

## 5 SOBRE AS ILUSTRAÇÕES

A seguir exemplifica-se como inserir ilustrações no corpo do trabalho. As ilustrações serão indexadas automaticamente em suas respectivas listas. A numeração sequencial de figuras, tabelas e equações também ocorre de modo automático.

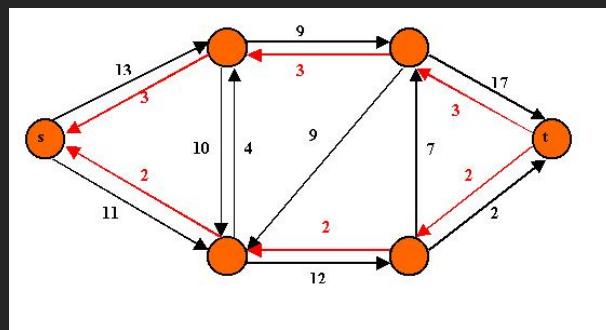
Referências cruzadas são obtidas através dos comandos `\label{}` e `\ref{}`. Sendo assim, não é necessário por exemplo, saber que o número de certo capítulo é [2](#) para colocar o seu número no texto. Outra forma que pode ser utilizada é esta: [Capítulo 2](#), facilitando a inserção, remoção e manejo de elementos numerados no texto sem a necessidade de renumerar todos esses elementos.

## 6 FIGURAS

Exemplo de como inserir uma figura. A [Figura 1](#) aparece automaticamente na lista de figuras. Para saber mais sobre o uso de imagens no  $\text{\LaTeX}$  consulte literatura especializada ([GOOSSENS et al., 2007](#)).

Os arquivos das figuras devem ser armazenados no diretório de "/dados".

Figura 1 – Exemplo de Figura



Fonte: [IRL \(2014\)](#)

## 7 QUADROS E TABELAS

Exemplo de como inserir o [Quadro 1](#) e a [Tabela 1](#). Ambos aparecem automaticamente nas suas respectivas listas. Para saber mais informações sobre a construção de tabelas no  $\text{\LaTeX}$  consulte literatura especializada ([MITTELBACH et al., 2004](#)).

Ambos os elementos (Quadros e Tabelas) devem ser criados em arquivos separados para facilitar manutenção e armazenados no diretório de "/dados".

Quadro 1 – Exemplo de Quadro.

<b>BD Relacionais</b>	<b>BD Orientados a Objetos</b>
Os dados são passivos, ou seja, certas operações limitadas podem ser automaticamente acionadas quando os dados são usados. Os dados são ativos, ou seja, as solicitações fazem com que os objetos executem seus métodos.	Os processos que usam dados mudam constantemente.

Fonte: [Barbosa et al. \(2004\)](#)

A diferença entre quadro e tabela está no fato que um quadro é formado por linhas horizontais e verticais. Deve ser utilizado quando o conteúdo é majoritariamente não-numérico. O número do quadro e o título vem acima do quadro, e a fonte, deve vir abaixo. Uma tabela é formada apenas por linhas verticais. Deve ser utilizada quando o conteúdo é majoritariamente numérico. O número da tabela e o título vem acima da tabela, e a fonte, deve vir abaixo, tal como no quadro.

Tabela 1 – Resultado dos testes.

	Valores 1	Valores 2	Valores 3	Valores 4
Caso 1	0,86	0,77	0,81	163
Caso 2	0,19	0,74	0,25	180
Caso 3	1,00	1,00	1,00	170

Fonte: [Barbosa et al. \(2004\)](#)

## 8 EQUAÇÕES

Exemplo de como inserir a Equação (1) e a Eq. 2 no corpo do texto <sup>1</sup>. Observe que foram utilizadas duas formas distintas para referenciar as equações.

$$X(s) = \int_{t=-\infty}^{\infty} x(t) e^{-st} dt \quad (1)$$

$$F(u, v) = \sum_{m=0}^{M-1} \sum_{n=0}^{N-1} f(m, n) \exp \left[ -j2\pi \left( \frac{um}{M} + \frac{vn}{N} \right) \right] \quad (2)$$

---

<sup>1</sup>Deve-se atentar ao fato de a formatação das equações ficar muito boa esteticamente.

## 9 ALGORITMOS

Exemplo de como inserir um algoritmo. Para inserção de algoritmos utiliza-se o pacote `algorithm2e` que já está devidamente configurado dentro do template.

Os algoritmos devem ser criados em arquivos separados para facilitar manutenção e armazenados no diretório de "/dados".

---

### Algoritmo 1: Exemplo de Algoritmo

---

```

Input: o número  $n$  de vértices a remover, grafo original  $G(V, E)$ 
Output: grafo reduzido  $G'(V, E)$ 
removidos  $\leftarrow 0$ 
while removidos  $< n$  do
     $v \leftarrow \text{Random}(1, \dots, k) \in V$ 
    for  $u \in \text{adjacentes}(v)$  do
        | remove aresta  $(u, v)$ 
        | removidos  $\leftarrow$  removidos + 1
    end
    if há componentes desconectados then
        | remove os componentes desconectados
    end
end

```

---

## 10 SOBRE AS LISTAS

Para construir listas de "*bullets*" ou listas enumeradas, inclusive listas aninhadas, é utilizado o pacote `paralist`.

Exemplo de duas listas não numeradas aninhadas, utilizando o comando `\itemize`. Observe a indentação, bem como a mudança automática do tipo de "*bullet*" nas listas aninhadas.

- item não numerado 1
- item não numerado 2
  - subitem não numerado 1
  - subitem não numerado 2
  - subitem não numerado 3
- item não numerado 3

Exemplo de duas listas numeradas aninhadas, utilizando o comando `\enumerate`. Observe a numeração progressiva e indentação das listas aninhadas.

1. item numerado 1
2. item numerado 2
  - a) subitem numerado 1
  - b) subitem numerado 2
  - c) subitem numerado 3
3. item numerado 3

## 11 SOBRE AS CITAÇÕES E CHAMADAS DE REFERÊNCIAS

Citações são trechos de texto ou informações obtidas de materiais consultados quando da elaboração do trabalho. São utilizadas no texto com o propósito de esclarecer, completar e embasar as ideias do autor. Todas as publicações consultadas e utilizadas (por meio de citações) devem ser listadas, obrigatoriamente, nas referências bibliográficas, para preservar os direitos autorais. São classificadas em citações indiretas e diretas.

## 12 CITAÇÕES INDIRETAS

É a transcrição, com suas próprias palavras, das idéias de um autor, mantendo-se o sentido original. A citação indireta é a maneira que o pesquisador tem de ler, compreender e gerar conhecimento a partir do conhecimento de outros autores. Quanto à chamada da referência, ela pode ser feita de duas maneiras distintas, conforme o nome do(s) autor(es) façam parte do seu texto ou não. Exemplo de chamada fazendo parte do texto:

Enquanto [Maturana e Varela \(2003\)](#) defendem uma epistemologia baseada na biologia. Para os autores, é necessário rever . . .

A chamada de referência foi feita com o comando `\citeonline{chave}`, que produzirá a formatação correta.

A segunda forma de fazer uma chamada de referência deve ser utilizada quando se quer evitar uma interrupção na sequência do texto, o que poderia, eventualmente, prejudicar a leitura. Assim, a citação é feita e imediatamente após a obra referenciada deve ser colocada entre parênteses. Porém, neste caso específico, o nome do autor deve vir em caixa alta, seguido do ano da publicação. Exemplo de chamada não fazendo parte do texto:

Há defensores da epistemologia baseada na biologia que argumentam em favor da necessidade de . . . ([MATURANA; VARELA, 2003](#)).

Nesse caso a chamada de referência deve ser feita com o comando `\cite{chave}`, que produzirá a formatação correta.

## 13 CITAÇÕES DIRETAS

É a transcrição ou cópia de um parágrafo, de uma frase, de parte dela ou de uma expressão, usando exatamente as mesmas palavras adotadas pelo autor do trabalho consultado.

Quanto à chamada da referência, ela pode ser feita de qualquer das duas maneiras já mencionadas nas citações indiretas, conforme o nome do(s) autor(es) façam parte do texto ou não. Há duas maneiras distintas de se fazer uma citação direta, conforme o trecho citado seja longo ou curto.

Quando o trecho citado é longo (4 ou mais linhas) deve-se usar um parágrafo específico para a citação, na forma de um texto recuado (4 cm da margem esquerda), com tamanho de letra menor e espaçamento entrelinhas simples. Exemplo de citação longa:

Desse modo, opera-se uma ruptura decisiva entre a reflexividade filosófica, isto é a possibilidade do sujeito de pensar e de refletir, e a objetividade científica. Encontramo-nos num ponto em que o conhecimento científico está sem consciência. Sem consciência moral, sem consciência reflexiva e também subjetiva. Cada vez mais o desenvolvimento extraordinário do conhecimento científico vai tornar menos praticável a própria possibilidade de reflexão do sujeito sobre a sua pesquisa ([SILVA; SOUZA, 2000](#), p. 28).

Para fazer a citação longa deve-se utilizar os seguintes comandos:

```
\begin{citacao}
<texto da citacao>
\end{citacao}
```

No exemplo acima, para a chamada da referência o comando `\cite[p. ~28]{Silva2000}` foi utilizado, visto que os nomes dos autores não são parte do trecho citado. É necessário também indicar o número da página da obra citada que contém o trecho citado.

Quando o trecho citado é curto (3 ou menos linhas) ele deve inserido diretamente no texto entre aspas. Exemplos de citação curta:

A epistemologia baseada na biologia parte do princípio de que "assumo que não posso fazer referência a entidades independentes de mim para construir meu explicar"([MATURANA; VARELA, 2003](#), p. 35).

A epistemologia baseada na biologia de [Maturana e Varela \(2003, p. 35\)](#) parte do princípio de que "assumo que não posso fazer referência a entidades independentes de mim para construir meu explicar".

## 14 DETALHES SOBRE AS CHAMADAS DE REFERÊNCIAS

Outros exemplos de comandos para as chamadas de referências e o resultado produzido por estes:

Lima (2006) \citeonline{lima2006}

Aigner e Ziegler (2018) \citeonline{aigner2018}

(Halmos, 2014, p. 28) \linkcite[28]{Halmos}{halmos2014}

Silva e Souza (2000, p. 33) \citeonline[p.~33]{Silva2000}

(Halmos, 2014) \linkcite[]{Halmos}{halmos2014}

Maturana e Varela (2003, p. 35) \citeonline[p.~35]{Maturana2003}

(Halmos, 2014; Lima, 2006) \linkcite{Halmos}{halmos2014}{Lima}{lima2006}

(Halmos, 2014; Lima, 2006; Aigner; Ziegler, 2018) \linkcite{Halmos}{halmos2014}{Lima}{lima2006}

## 15 SOBRE AS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A bibliografia é feita no padrão Bib $\text{\TeX}$ . As referências são colocadas em um arquivo separado. Neste template as referências são armazenadas no arquivo "base-referencias.bib".

Existem diversas categorias documentos e materiais componentes da bibliografia. A classe abn $\text{\TeX}$  define as seguintes categorias (entradas):

```
@book
@inbook
@article
@phdthesis
@mastersthesis
@monograph
@techreport
@manual
@proceedings
@inproceedings
@journalpart
@booklet
@patent
@unpublished
@misc
```

Cada categoria (entrada) é formatada pelo pacote ?? de uma forma específica. Algumas entradas foram introduzidas especificamente para atender à norma ABNT (2002), são elas: @monograph, @journalpart, @patent. As demais entradas são padrão Bib $\text{\TeX}$ . Para maiores detalhes, refira-se a ??, ??, ??).

## 16 NOTAS DE RODAPÉ

As notas de rodapé pode ser classificadas em duas categorias: notas explicativas<sup>1</sup> e notas de referências. As notas de referências, como o próprio nome já indica, são utilizadas para colocar referências e/ou chamadas de referências sob certas condições.

---

<sup>1</sup>é o tipo mais comum de notas que destacam, explicam e/ou complementam o que foi dito no corpo do texto, como esta nota de rodapé, por exemplo.

## 17 CONCLUSÃO

Parte final do texto, na qual se apresentam as conclusões do trabalho acadêmico. É importante fazer uma análise crítica do trabalho, destacando os principais resultados e as contribuições do trabalho para a área de pesquisa.

### 17.1 TRABALHOS FUTUROS

Também deve indicar, se possível e/ou conveniente, como o trabalho pode ser estendido ou aprimorado.

### 17.2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encerramento do trabalho acadêmico.

## Referências

- AIGNER, M.; ZIEGLER, G. M. *Proofs from THE BOOK*. 6. ed. Heidelberg: Springer, 2018. Citado 2 vezes nas páginas [4](#) e [17](#).
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: Informação e documentação — referências — elaboração*. Rio de Janeiro, 2002. 24 p. Citado na página [18](#).
- BARBOSA, C. et al. *Testando a utilização de “et al.”*. 2. ed. Cidade: Editora, 2004. Citado na página [10](#).
- BERTATO, F. M. O infinito e o método da diagonal de cantor - tradução de ueber eine elementare frage der mannigfaltigkeitslehre (1890-91). Revista Brasileira de História da Matemática, São Paulo, v. 23, n. 46, jul. 2023. Disponível em: <<https://rbhm.org.br/index.php/RBHM/article/view/441>>. Citado na página [4](#).
- GOOSSENS, M. et al. *The LaTeX graphics companion*. 2. ed. Boston: Addison-Wesley, 2007. Citado na página [9](#).
- HALMOS, P. R. *Naive Set Theory*. [S.I.]: Springer, 2014. Citado 3 vezes nas páginas [2](#), [4](#) e [17](#).
- IRL. *Internet Research Laboratory*. 2014. Disponível em: <<http://irl.cs.ucla.edu/topology>>. Acesso em: 8 de março de 2014. Citado na página [9](#).
- LIMA, E. L. *Análise Real*. 8. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Matematica Pura e Aplicada, 2006. v. 1. Citado 2 vezes nas páginas [4](#) e [17](#).
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. J. *A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. 3. ed. São Paulo: Editora Palas Athena, 2003. Citado 3 vezes nas páginas [15](#), [16](#) e [17](#).
- MITTELBACH, F. et al. *The LaTeX companion*. 2. ed. Boston: Addison-Wesley, 2004. Citado na página [10](#).
- SILVA, J.; SOUZA, J. a. L. *A Inteligência da Complexidade*. São Paulo: Editora Petrópolis, 2000. Citado 2 vezes nas páginas [16](#) e [17](#).



## **APÊNDICE A – Nome do apêndice**

Lembre-se que a diferença entre apêndice e anexo diz respeito à autoria do texto e/ou material ali colocado.

Caso o material ou texto suplementar ou complementar seja de sua autoria, então ele deverá ser colocado como um apêndice. Porém, caso a autoria seja de terceiros, então o material ou texto deverá ser colocado como anexo.

Caso seja conveniente, podem ser criados outros apêndices para o seu trabalho acadêmico. Basta recortar e colar este trecho neste mesmo documento. Lembre-se de alterar o "label" do apêndice.

Não é aconselhável colocar tudo que é complementar em um único apêndice. Organize os apêndices de modo que, em cada um deles, haja um único tipo de conteúdo. Isso facilita a leitura e compreensão para o leitor do trabalho.

**APÊNDICE B – Nome do outro apêndice**

conteúdo do novo apêndice



## **ANEXO A – Nome do anexo**

Lembre-se que a diferença entre apêndice e anexo diz respeito à autoria do texto e/ou material ali colocado.

Caso o material ou texto suplementar ou complementar seja de sua autoria, então ele deverá ser colocado como um apêndice. Porém, caso a autoria seja de terceiros, então o material ou texto deverá ser colocado como anexo.

Caso seja conveniente, podem ser criados outros anexos para o seu trabalho acadêmico. Basta recortar e colar este trecho neste mesmo documento. Lembre-se de alterar o "label" do anexo.

Organize seus anexos de modo a que, em cada um deles, haja um único tipo de conteúdo. Isso facilita a leitura e compreensão para o leitor do trabalho. É para ele que você escreve.

**ANEXO B – Nome do outro anexo**

conteúdo do outro anexo